



RELAÇÕES DE GÊNERO E CULTURA DE PAZ: práticas e possibilidades da escola

Maria Dolores dos Santos Vieira¹
Claudilene Santos de Lima²

RESUMO

Este estudo apresenta as reflexões parciais acerca das relações de gênero e Cultura de Paz em uma escola pública municipal do estado do Piauí e no interior de Orquestra Jovem. Objetiva compreender como são construídas ou reconstruídas essas relações de gênero entre os/as integrantes dessa agremiação e entre os/as demais sujeitos escolares. Nessa perspectiva, utilizamos dos conceitos e práticas dos seguintes autores: MACEDO (2012), LOURO (1997), GUIMARÃES (2006), MILANI (2003), SCOTT (1990), MORENO (1999), JARES (2002; 2007). A pesquisa aponta para um conviver que é heterogêneo pelos atores e atrizes envolvidos e pelo gênero que os constituem homens e mulheres.

Palavras – chave: Relação de Gênero. Cultura de Paz. Escola.

ABSTRACT

This study presents the partial reflections about gender relations and Culture of Peace in a public school in the state of Piauí and within Youth Orchestra. Aims at understanding how these are built or rebuilt gender relations among / the members of this college and among / the other school subjects. In this perspective, we use the concepts and practices of the following authors: Macedo (2012), BAY (1997), Guimarães (2006), MILANI (2003), SCOTT (1990), Moreno (1999), Jares (2002, 2007) . The research points to a living that is heterogeneous actors and actresses involved and the gender that constitute men and women.

Keywords - Keywords: Gender Relations. Culture of Peace. School.

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: doloresvieiraeduc@hotmail.com

² Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: Claudi20lene@hotmail.com



I. INTRODUÇÃO

Este artigo compõe parte da pesquisa que ora realizamos no Curso de Mestrado em Educação. Neste estudo refletimos sobre as relações de gênero e as contribuições da Cultura de Paz para a construção e/ou reconstrução dessas relações na escola e no interior de Orquestra Jovem.

Propomos estudar essa experiência formativa, por meio da ótica da Cultura de Paz, visto que a ideia da criação da Orquestra surgiu da necessidade que a escola tem de investir na melhoria da qualidade de vida desses/as jovens e de suas famílias, principalmente naquilo que tange às formas de conviver e viver.

Julgamos indispensável situar a trajetória dessa experiência, a fim de que pudéssemos traçar o percurso metodológico que nos possibilitasse identificar e entender a percepção dos jovens. Optamos pela pesquisa-ação, visando intervir no *lócus* de nossa pesquisa. Focamos as possibilidades e as práticas pedagógicas da escola a partir do desenvolvimento do Projeto e principalmente, aquelas que representam as etapas em que a Orquestra passou a se apresentar em público.

Essas vivências e participações em eventos contribuem para a evolução humana desses/as jovens? Eles/as tem se tornado pessoas mais sensíveis, mais acolhedoras? O que mudou na vida deles/as fazer parte de alguma coisa? O estar em algum lugar de prestígio? O ser alguém que é visto e escutado? São questões como estas que esse trabalho deseja compreender.

Nessa perspectiva, também, pretendemos refletir sobre como são construídas as relações de gênero entre os/as integrantes da Orquestra e entre os/as demais sujeitos escolares. Ansiamos, ainda, saber dos/as jovens o que eles/as pensam da Cultura de Paz como contribuição para a melhoria dessas relações. Se para eles/as passa despercebida essa contribuição. Se não, como eles/as percebem essa Cultura de Paz na convivência entre os/as integrantes da Orquestra e os outros sujeitos da escola.

A seguir apresentaremos, inicialmente, o conceito de paz, em seguida trataremos como se coloca a discussão da Cultura de Paz e da relação de gênero na escola, utilizando-nos dos conceitos e práticas dos seguintes autores: MACEDO



(2012), LOURO (1997), GUIMARÃES (2006), MILANI (2003), SCOTT (1990), MORENO (1999), JARES (2002; 2007).

Hoje temos certeza de que é necessário e urgente buscar formas de convivência na escola e na sociedade capazes de minimizar a violência que assola o mundo e ao mesmo tempo rejeitá-la através da construção de uma Cultura alicerçada na Paz.

Considerando que existi um acordo quanto a esta questão, o mesmo não se pode dizer ao que se refere ao termo. Conforme Guimarães (2006, p. 34) esta unanimidade se desfaz logo que começamos a tratar sobre o tema, surgindo não só uma pluralidade de significados em torno da Paz, mas um conflito de interpretações propriamente dito. Nessa perspectiva, toda abordagem sobre a Paz, deve envolver, antecipadamente, uma reflexão em torno do seu conceito e do significado a ele atribuído.

A história nos sinaliza que cada povo e que cada tempo tem expressado, de diversos modos, o seu entendimento sobre o tema, o que significa a existência de um sentido entre o que representa a Paz e os diferentes paradigmas civilizatórios. Diante disso, é importante saber qual o sentido atribuído, hoje, a este conceito. Recuperar a simbologia da paz no Ocidente pode nos ajudar a conhecer e compreender os diversos modos utilizados pela humanidade para expressar sua valoração.

Na visão de Macedo (2012, p.111) “se quisermos a paz, o primeiro passo na direção da sua construção é exercitar uma nova compreensão sobre ela, capaz de mobilizar pessoas em torno desse mesmo interesse”. Nessa acepção, refletir sobre o conceito de paz com os/as jovens da escola será importante porque favorecerá ao grupo construir novos conhecimentos e atitudes a respeito do assunto, sinalizando para a necessidade do exercício constante e da vivência como forma de ampliar essa compreensão.

Não se trata aqui de homogeneização da forma como a Orquestra se envolverá em suas vivências, o que tentaremos é buscar os sentidos das práticas de convivência no interior do agrupamento e construir junto com os/as partícipes, posturas, atitudes e concepções mais humanizadoras das relações de gênero por intermédio da Cultura de Paz.



Salientamos assim, que a Cultura de Paz é construção a longo prazo para mudanças baseadas em atitudes pacíficas, mas resultando positivamente em uma melhor qualidade de vida e de convivência entre os/as jovens, seja no espaço escolar ou em outros contextos sociais em que eles/as transitem e vivam experiências coletivas, pois como adverte Milani (2003):

[...] Promover a Cultura de Paz significa e pressupõe trabalhar de forma integrada em prol das grandes mudanças ansiadas pela maioria da humanidade - justiça social, igualdade entre os sexos, eliminação do racismo, tolerância religiosa, respeito às minorias, educação universal, equilíbrio ecológico e liberdade política (p. 131).

Indiscutivelmente, a procura da Paz representa uma ação de resolução de conflitos seguramente interminável, por isso devemos constituir um ambiente interno e externo, onde se solucionem os conflitos de maneira construtiva e pacífica em que as ações sejam pautadas em valores que culminem no bem viver entre os pares.

II. AS RELAÇÕES DE GÊNERO PELAS MÃOS DA CULTURA DE PAZ

Destarte, faz-se necessário aliarmos o outro elemento do objeto de estudo: a relação de gênero, a essa discussão, uma vez que esta será estudada pelo viés da Cultura de Paz que nos propomos a construir e reconstruir no dia-a-dia, à medida que a escola, com a parceria da comunidade se conscientize dos vários papéis que precisa desempenhar para conseguir avanços na construção e formação humana dos/as discentes.

Tratando das relações de gênero na escola, procuramos atuar nos conflitos que ocorrem no interior da Orquestra e do ambiente escolar dificultando essas relações, procurando evidenciar aprendizados e obstáculos que atravessam as citadas relações com vistas à construção de uma Cultura de Paz no universo da pesquisa e no conjunto do espaço escolar através de novas formas de interação e convivência entre os jovens homens e as jovens mulheres.

Para a consecução deste objetivo, precisamos de teorias que nos permitam articular outros modos de pensar gênero em que mais do que reverter ou confirmar hierarquias do sexo, busquemos promover encontros entre homens e mulheres que se



reconhecem como diferentes em gênero, mas iguais em direitos humanos, pois são sujeitos de uma história que precisa ser reescrita, não de forma ímpar e em separado, pois não existem dois mundos: um dos homens e outro das mulheres. Existe o mundo, onde homens e mulheres coabitam e enfrentam desafios, obstáculos desiguais pela diferenciação sexual. Para Scott (1990):

As relações entre os sexos são construídas socialmente, e isso ainda diz pouco, pois não explica como estas relações são construídas e por que são construídas de forma desigual privilegiando o sujeito masculino, sem, no entanto, dizer como funcionam ou mesmo como mudam, perdendo assim a força de mudança e terminando por contribuir para a manutenção dos modelos históricos existentes. (p.14).

Sobre esta questão é possível afirmarmos que o fato de ser homem e ser mulher é uma construção cultural, não se nasce homem e nem mulher, mesmo o biológico tendo a sua importância, percebemos que anterior a isso, é preciso considerar que o gênero é uma construção e nela as relações de poder transformam homens e mulheres em sujeitos construídos discursivamente.

Pensando do lado dos/das jovens e dos/as adolescentes da Orquestra é que buscamos algumas respostas para essas inquietações tornando-nos participantes, na tentativa de entendimento e contribuição para a construção de aproximações entre eles/as, considerando acima de tudo, a natureza histórico-cultural dos sujeitos, o que nos oferece caracterizações desses/as jovens e adolescentes nos possibilitando ter um olhar sobre essa agremiação juvenil.

Levando em consideração que a escola desempenha um papel fundamental por ter, na modernidade, assumido a responsabilidade da formação intelectual, científica e social dos indivíduos, reproduzindo sistemas de pensamentos e concepções permeados por ações sexistas, que legitimam até hoje a marginalização da mulher, exige dela, nesses novos tempos, diferente explicação para o ser homem e o ser mulher, de modo que caiba em todos os espaços e situações escolares. Essa ideia pode ser reforçada pelo que afirma LOURO (1999):

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. (...). Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos “fazem sentido”, instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos. (p. 58).



Partilhamos da compreensão de que a escola é a principal instituição que reproduz e perpetua a visão androcêntrica, por isso concordamos com o mesmo pensamento que Moreno, (1999), elabora:

(...) vivenciar uma educação não sexista ultrapassa as fronteiras da escola, envolvendo também a família e a sociedade, com a escola, porém, desenvolvendo um importante trabalho de transformação a partir da perspectiva de que “coeducar” não é por em uma mesma classe indivíduos de ambos os sexos, nem tampouco é unificar, eliminando as diferenças mediante a apresentação de um único modelo. Não é uniformizar as mentes de meninas e meninos; ao contrário é ensinar e respeitar o diferente e desfrutar da riqueza que a variedade oferece. (p. 77).

A escola tem se construído no tempo e no espaço como instituição reguladora. Nela são estereotipados os comportamentos que passam a ser observados pela lente da normalidade ou anormalidade. A institucionalização da normalidade ou da anormalidade recebe o crivo daquilo que ela convencionou como aceitável ou não para os modelos instituídos por ela.

Portanto, a opção por estudar as relações de gênero pelo viés da Cultura de Paz partiu da constante indagação sobre os motivos que geram e mantem, na escola, as situações de conflito entre jovens homens e jovens mulheres pela não aceitação do outro em detrimento do sexo. Nesse caso, isolamento e distancia pautam essas relações segregando qualquer chance de uma convivência amistosa entre jovens homens e jovens mulheres.

Acreditamos que nenhum trabalho surge do acaso, esse surge da própria vida e de muitas de suas circunstâncias. A escola vem para nós educadores/as como produto de nossas experiências, inquietações e paixões e nos impulsiona a buscar novos rumos para o que vivemos e fazemos. É pela escola que chegamos ao outro que nos revela em nós mesmos/as exigindo de nossa prática docente um jeito novo de caminhar.

Como são Construídas as Relações de Gênero na Escola



Pelas observações realizadas, podemos afirmar que a Escola foco do estudo constitui um modelo de instituição sexista que constrói e preserva a separação sexual dos/as jovens discentes instrumentistas, através dos discursos e das práticas dos dirigentes, educadores/as e demais membros da comunidade escolar.

Nesse espaço escolar, seio da Orquestra, as práticas sociais se dirigem aos corpos. Os sujeitos homens e mulheres não são orientados/as para perceberem ou compreenderem o significado das diferenças individuais entre os sexos, caso elas não estejam definidas biologicamente.

Diante desses elementos de análise, pressupõe-se que é imprescindível a desconstrução da realidade que se descortina nesse ambiente escolar, para que, a partir dela, se possam construir relações em que haja igualdade e, de fato, homens e mulheres exerçam verdadeiramente a cidadania, pois:

A desconstrução trabalha contra essa lógica, faz perceber que a oposição é construída e não inerente e fixa. A desconstrução sugere que se busquem os processos e as condições que estabeleceram os termos da polaridade. Supõe que se historicize a polaridade e a hierarquia nela implícita. (LOURO, 1997, p. 32).

Na conquista dos meios necessários para que possibilitem aos jovens homens e às jovens mulheres defenderem ideias, proporem debates e que garantam espaços de equidade social, a escola caminha lentamente na melhoria dessa realidade. É essencial que a instituição escolar seja desconstrutora das desigualdades de gênero, reconhecendo que tais ações assumem na sociedade brasileira atual, a mesma importância de uma rede de proteção social, pois tem entre outras, a função de reduzir ranços e promover avanços para o aumento do empoderamento feminino e ao enfrentamento da feminilização no espaço da escola em estudo.

III. ... AINDA ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Como percebemos no decorrer desse trabalho, as relações de gênero se mostram carregadas de instabilidades, repletas de narrativas históricas que são recontadas através dos tempos, afirmando e reafirmando o lugar privilegiado das masculinidades. Essa inculcação deste lugar privilegiado nos transmite um caráter de



universalidade e permanência, o que nos faz esquecer o seu caráter construído e dar a ele, a aparência natural, que nos acomoda e fixa em nossos corpos, formas e jeitos adequados de ser homem e de ser mulher no modelo de sociedade vigente.

É penoso demais vermos seres tão semelhantes nutrirem um pelo outro tantas animosidades, muitas mantidas pelo próprio ato de educar, pela instituição que pela função social que lhe é atribuída, deveria concorrer para que fossem extirpadas do seio escolar. Em coerência com o nosso projeto, avaliamos que a Escola precisa sair da posição não problemática em que se encontra e de onde se mantém em estado de contemplação, em inércia e subordinação, para uma posição de inovadora atuação, de exercício interessante de convivência respaldada no respeito às diferenças.

Conforme já registramos parcialmente, pela utilização de alguns instrumentais metodológicos, os/as integrantes da Orquestra Jovem vem demonstrando avanços nessas relações, hoje, alimentadas pelos princípios da Cultura de Paz. Não há um conviver homogêneo, ele é heterogêneo pelos sujeitos em convívio e pelo gênero que os constitui homens e mulheres. Não se trata, também, de um ambiente sem conflitos, em que a Paz é condição de silenciamento e passividade. Ao contrário, a Paz nesse plano, é força que move os ânimos e reconduz os/as partícipes para o diálogo que edifica novas empreitadas coletivas sem que cada um, cada uma se perca como ser individual dada nesse ângulo, à irrestrita natureza de ser e de se fazer feminino ou masculino nas várias ocorrências dessa vida grupal.

Sob este olhar, os apelos em favor da tolerância e do respeito aos diferentes, também, devem receber da escola, outra conotação, que não seja essa que a engessa e expõe de forma desumana e escravizadora as fragilidades da mulher como se essas fossem unicamente dela e pelo peso do seu sexo, que traduz já a seguinte intolerância: sexo frágil, num ser diferente e não incapaz.

Concluimos com o convite para educadores e educadoras deixarem de considerar toda essa diversidade de formas de ser homem e de ser mulher e de práticas como um “problema” e passar a refleti-la como condição que precisa ser compreendida, interpretada, inserida, vivida nesse novo tempo. Um tempo de diversidades em que não se pode explicar as diferenças polarizando-as, fixando-as em



concepções fechadas e defendidas a partir de uma história que não aceita a fala dos sujeitos.

Exatamente nesta perspectiva de Cultura de Paz para a (re) construção das relações de gênero na escola é que defendemos a relevância e a contribuição do nosso trabalho para a efetivação de uma Educação para a Paz que seja capaz de sensibilizar e mobilizar a comunidade escolar, a família e até o poder público, para a discussão e a integração curricular dessas temáticas no currículo e nas práticas docentes como formas de provocar novas interações e convivências mais pacíficas, longe da visão ingênua de paz e gênero, mas como pressuposto de novos homens e novas mulheres para o mundo dos diferentes, onde todos/as não precisem ser iguais para ter o direito de viver nessa sociedade desigual.

REFERÊNCIAS

- GUIMARÃES, Marcelo Rezende. Repensando a Noção de Paz. In: GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Aprender a educar para a paz**. Goiás: Ed. Rede da Paz, 2006.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1997.
- MACEDO, Rosa Maria de Almeida. **Juventudes, Cultura de Paz e Escola: transformando possibilidades em realidade**. Tese (doutorado). Fortaleza – Ceará. 2012.
- MILANI, Feizi Masrour. Cultura de Paz X Violência: papel e desafios da escola. In: MILANI, Feizi Masrour; JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de (Orgs.). **Cultura de paz: estratégias, mapas e bússolas**. Salvador: INPAZ, 2003. p. 131.
- MORENO, Montsserrat. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna, 1999.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Mulher e realidade: mulher e educação**. Porto Alegre – RS: Vozes, v. 16, n. 2, jul./dez. 1990.